



A PERSPECTIVA ARISTOTÉLICA PARA A APORIA DO SER DE PARMÊNIDES E HERÁCLITO

José Luiz IZIDORO^P
Márcio José Ferreira JÚNIOR^{PP}

RESUMO

O artigo presente trata da contribuição aristotélica na antítese entre Parmênides e Heráclito, elencando os conceitos filosóficos que Aristóteles apresenta, como meio de alívio, as distintas ideias ontológicas dos filósofos citados. A busca pelo princípio é o que caracteriza basicamente a filosofia antiga, em excelência nos pré-socráticos. No âmbito metafísico encontra-se o ser como principal referência deste princípio, assumindo diversas denotações, de acordo com a história. Parmênides, com sua ontologia, apresenta um ser absoluto, imóvel e eterno. O ser não pode sair desse conceito; afinal, qualquer diferença feriria o chamado princípio da não-contradição. Heráclito, por sua vez, em contraposição, apresenta a possibilidade do vir-a-ser, ou devir, o que justificaria todas as transformações ocorrentes no meio e no próprio ser. Assim, enfatiza a tensão entre a mobilidade e a unidade das coisas, nomeada como harmonia dos contrários. Por fim, Aristóteles, com sua perspectiva metafísica, apresenta um pensamento que atenua esse impasse histórico. Através de conceitos e ideias como teoria das quatro causas, ato e potência, substância e acidente, ele organiza e expõe uma nova ideia de princípio.

Palavras-chave: Princípio. Ontologia. Causa. Ser. Possibilidade.

^P Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com ênfase em Antropologia e Historiografia antiga e pós-doutorado em Ciências da Religião pela mesma Universidade. É coordenador do Curso de Teologia (graduação) do ISTA e professor de Eclesiologia e Ecumenismo e diálogo inter-religioso do mesmo curso.

^{PP} Licenciado em Filosofia e Graduando em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca mostrar a postura atenuante de Aristóteles sobre a problemática do ser enquanto baseado nas concepções ontológicas de Parmênides e Heráclito. Significa dizer como a filosofia aristotélica pode contribuir para a resolução desse empasse conceitual e filosófico dos pré-socráticos.

O trabalho consiste em três partes. Dá-se início por Parmênides, o filósofo do ser como único, eterno e imutável segundo seu princípio da não-contradição, explanar-se-á sobre a incapacidade do ser se transformar; afinal, nada que está fora dele pode se considerar como existente. Em seguida, passa-se por Heráclito, aquele que apresenta a possibilidade do vir-a-ser através da harmonia dos contrários. Este terá uma ideia oposta ao filósofo anterior, postulando que o ser se encontra em um constante devir. Enfim, alcança-se Aristóteles com a metafísica, a filosofia primeira, que sugere uma resolução a esse problema ontológico entre os mencionados filósofos pré-socráticos, ressaltando os princípios do ato e da potência, a teoria das quatro causas, e os conceitos de substância e de acidente.

2 PARMÊNIDES E A UNICIDADE DO SER

Parmênides, um filósofo naturalista pertencente ao grupo dos eleatas¹, viveu entre a segunda metade do século VI a.C. até meados do V a.C. Considerado como o fundador de seu grupo, no âmbito da filosofia da *physis*, apresentou-se como um revolucionário da ideia de princípio, rompendo com os conceitos cosmológicos, isto é, conceitos fundamentados na natureza, como os de Tales de Mileto, que toma como fundamento a água, Anaximandro, que oferece o *a-peiron*, Anaxímenes, que propõe o ar, entre outros. Assume, assim, conseqüentemente, uma postura inovadora que insere o ser em um horizonte totalmente metafísico e ontológico.

Nesse contexto, é preciso enfatizar tal ideia de princípio, tomando por base sua essência, a fim de que se possa apresentar suas características para atuar como elemento originário de todas as coisas. Ele, o princípio, surge como o

¹ Escola que floresceu em Eléia (Magna Grécia) entre os séculos VI e V a.C., formulada por Xenófanes de Colofão, elaborada por Parmênides e seguida e defendida por Zenão e Melisso (ABBAGNANO, 2007, p. 360).

unificador das diversidades e multiplicidades dos objetos. É por esse motivo que se faz mister apreender adequadamente o seu significado, pois:

[...] a procura do princípio destas coisas é a procura do que unifica e mantém o múltiplo, o diverso, o diferente; é a tentativa de reconduzir todas as coisas múltiplas, diversas e diferentes à unidade ou à identidade, àquilo em que todas convêm e sobre que todas permanecem, apesar da sua multiplicação, diversificação e diferenciação. Assim respeitam-se a condição e a característica da identidade e da substancialidade: o princípio é a unidade de todas as coisas (MOLINARO, 2002, p.18).

Ressalta-se, portanto, que a busca por um princípio é uma abertura ao caminho total do conhecimento de um componente que, a partir do múltiplo, promove a unidade, ou seja, alcança inteiramente o fundamento primeiro e originário de todas as coisas, uma vez que as características originárias são grandes promotoras da unidade, sendo elas idênticas em todo o ser. A metafísica, portanto, contribui para a busca necessária pelo princípio enquanto totalidade, do qual tudo deriva, convêm e depende.

Tendo encontrado a razão pela busca de um elemento comum entre todas as coisas, capaz de, na multiplicidade do ser, promover uma unidade e defini-lo como princípio, Parmênides realiza uma caracterização deste, apresentando sua ideia conceitual de um ser metafísico que ocuparia esse lugar original.

Na busca pela definição conceitual, o filósofo antigo provoca uma reflexão sobre o pensar, relacionando a possibilidade de conceber algo que essencialmente não é, ou poderá deixar de ser. Ontologicamente tal reflexão é impossível, pois o que não é, ou o que pode deixar de ser, jamais poderá ser capturado pelo pensamento. E, da mesma forma, esse argumento seria contrário ao princípio da não contradição, que afirma a permanência do ser, absolutamente.

É nesse contexto que Parmênides define e apresenta seu princípio originário: o ser como equivalente ao pensamento. “Pensar e ser é o mesmo” (PARMÊNIDES, 1998, p. 55). O ser é, pois só pode ser o que é pensável e dizível. O que distanciar desse âmbito seria impensável e indizível, logo não seria. Pensar e dizer o nada significa não pensar e nem dizer coisa alguma. Essa é a inovação radical que Parmênides traz para a filosofia do princípio, associando o ser originário ao pensamento e o que é pensado ao que pode ser dito, para assim concluir a possibilidade do ser **ser, ou não ser**.

A partir dessa conclusão de uma absoluta intransitividade do ser e do não ser associados ao pensamento, Parmênides elabora o princípio de identidade ou de não contradição, princípio máximo de todo pensamento. Este afirma categoricamente a não possibilidade de os contrários coexistirem ao mesmo tempo, contrários supremos que são o *ser* e o *não-ser*. Pela essência do ser, essa impossibilidade é demonstrada: “[...] o ser é e não pode não ser; o não ser não é e não pode ser (é impossível que seja)” (MOLINARO, 2002, p. 22). Portanto, definitivamente, Parmênides expõe sua ideia de ser e suas exigências da não contradição.

2.1 QUALIFICATIVOS QUE EVIDENCIAM QUE O SER É E PRECISA SER

Tendo identificado o elemento originário parmenidiano e suas exigências que o enquadram no princípio da identidade, muitos atributos lhes podem ser relacionados, aspectos que fundamentam a não contradição, como ele afirmou quando exortou a equivalência entre pensar e ser.

Considerando essas definições a respeito do princípio que Parmênides desenvolve, pode-se avançar aos aspectos ontológicos, definições estruturais do caminho da verdade pura (*alétheia*). Primeiramente o ser é incriado e incorruptível. Isso porque,

se fosse gerado, deveria ter derivado de um não-ser, o que seria absurdo, dado que o não-ser não é, ou então deveria ter derivado do ser, o que é igualmente absurdo, porque então ele já seria. E por essas mesmas razões também é impossível que o ser se corrompa (o ser não pode ir para o não-ser, porque o não-ser não é, nem pode ir para o ser, porque ir para o ser indubitavelmente significa ser e, portanto, permanecer) (REALE; ANTISERI, 1990, p.51).

Logo, é notório afirmar decisivamente que o ser jamais surgiu ou poderá surgir da sua própria concepção de ser. O ser não pode ser derivado do nada, portanto sua não criação; como também não originar nada, dessa maneira vê-se sua incorruptibilidade. Assim, observa-se que o ser não tem passado nem futuro, o ser é eterno.

Em seguida, o filósofo se prepara para explicitar questões como imutabilidade e imobilidade do ser. É preciso considerar um pressuposto que justifique a mudança no objeto, algo a que o ser mudaria ou alcançaria, e tal pressuposto, diferente do

ser, obrigatoriamente deveria ser o não-ser, o que necessariamente corromperia com o princípio da não contradição. Portanto, é absurdo caracterizá-lo com esses atributos. A conclusão é evidente: a multiplicidade é ilusória. “Assim, o ser de Parmênides é todo igual, pois o ser se amalgama com o ser, sendo impensável um mais de ser ou um menos de ser, que pressuporiam uma incidência do não-ser” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 53).

Obtém-se, por fim, a natureza de esfericidade e unidade do ser. Remetendo-se aos pitagóricos com a abstração de esfera, Parmênides assume o ser como perfeito e único, evidente no seu oitavo fragmento. “[...] porque dotado de um último limite, é completo em todos os lados, comparável à massa de uma esfera bem redonda, equilibrada desde em todas as direções” (PARMÊNIDES, 1998, p.56). Dessa forma, caracteristicamente tem-se o ser como incriado, incorrupto, imutável, imóvel, igual, esférico e único, por isso é o princípio.

Portanto, tudo o que é diferente do ser deve ser negado. Afirmar a multiplicidade é afirmar o não-ser, o devir também deve ser negado. Logo, nada pode existir além dele. Nem mesmo o movimento das coisas, pois implicaria na corrupção de todas as teses afirmadas para a concepção de ser de Parmênides.

Em contraposição, tem-se Heráclito, filósofo também naturalista, que apresenta uma concepção bem afastada de todo esse caminho parmenidiano da imutabilidade do ser. Cria-se um empasse ontológico entre esses dois grandes pensadores, revolucionários da ideia de princípio, no âmbito da *physis*.

3 HERÁCLITO E A HARMONIA DOS CONTRÁRIOS

Heráclito de Éfeso, nascido na região da Jônia, entre os séculos VI a.C. e V a.C., apresenta um ideal de princípio bem distante do proposto por Parmênides. Seu pressuposto parte do reconhecimento do ser como devir, como movimento, todo o dinamismo perceptível na natureza já observado pelos filósofos de Mileto: Tales com a água, elemento estritamente dinâmico; Anaxímenes com o ar, componente muito volátil; entre outros. Esses filósofos começaram a pensar o dinamismo como característica central do que entendiam como princípio. Heráclito, por sua vez, traz ao campo conceitual essa explicação, aderindo o devir ao movimento das coisas.

Heráclito propõe uma alternativa ao ser associando-o ao devir para justificar os movimentos e transformações perceptíveis aos seus olhos. Com isso, cria-se um problema para a teoria da não contradição, pois ela não permite transitividade do ser ao não-ser ou vice-versa. No entanto, ele apresenta um conceito diferente, o que chamará de **vir-a-ser**, que se define como “o mesmo que mudança, uma forma típica de mudança, ou absoluta ou substancial que possibilita sair do nada e chegar ao ser, ou sair do ser e alcançar o nada (ABBAGNANO, 2007, p. 313), justificando o porque

[...] as coisas frias esquentam, as quentes esfriam, as úmidas secam, as secas umedecem, o jovem envelhece, o vivo morre, mas daquilo que está morto renasce outra vida jovem e assim por diante. Há, portanto, uma guerra perpétua entre os contrários que se aproximam (REALE; ANTISERI, 1990, p.36).

A partir desse jogo de movimentos, Heráclito expõe sua teoria, intitulando-a de **harmonia dos contrários**. Tal teoria se apoia no pressuposto de que nada permanece imóvel, tudo se transforma e transmuta sem exceção. Vê-se fundamentada essa afirmativa nos fragmentos noventa e um e quarenta e nove A, respectivamente “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. Se dispersa e reúne-se; avança e se retira” (HERÁCLITO, 1998, p.41), “Descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos” (HERÁCLITO, 1998, p. 39). Claramente, observa-se a lógica interna desses fragmentos célebres.

A percepção da essência humana expressa na concretude do rio permite observar que, na aparência, na superficialidade, este se conserva, é imutável. Contudo, as águas, elementos fundamentais de sua constituição, nunca são as mesmas. Aquilo de que o rio é feito está em constante transformação, o rio jamais será sempre o mesmo, uma vez que sua essência não permanece. Dessa forma, não se pode experienciar duas ou diversas vezes o mesmo fenômeno. Ressalta-se, assim, que as mudanças são, sim, inerentes ao próprio ser. O humano, assim como o rio, está em constante mudança.

Ser e não-ser, eis o fundamento dessa teoria, pois defende que o humano e o mundo, a *physis*, para vir-a-ser aquilo que hoje é, é preciso deixar de ser aquilo que foi, ou seja, não-ser mais. Portanto, para prosseguir sendo, deve periodicamente não-ser-mais o que foi a cada instante. Essa proposição heraclitiana se afirma

enquanto válida para toda realidade, sem exceção. Estabelece-se como o ideal de sua filosofia do princípio um ser totalmente marcado pelo devir (vir-a-ser), em consequência da harmonia existente entre os contrários e opostos.

3.1 O SER COMO CONSEQUÊNCIA DOS OPOSTOS E A HARMONIA DOS CONTRÁRIOS

Assumindo o devir como causa essencial do movimento das coisas, é necessário considerá-lo como harmônico, em que os contrários se manifestam continuamente, podendo ser coincidentes. Heráclito, no seu fragmento cinquenta e três, vai chamar de guerra dos contrários: “a guerra é o pai de todas as coisas e de todos os reis; de uns fez deuses, de outros, homens; de uns escravos, de outros homens livres” (HERÁCLITO, 1998, p. 39). Portanto, é de se reconhecer no movimento a causa de todas as coisas percebidas pelos sentidos. Assim, já há 500 anos a.C., aproximadamente, Heráclito elucida este conceito justo ao movimento.

Em contraposição à tradição homérica, característica heraclitiana, a guerra é justa e a justiça coincide com a discórdia, que por ventura é necessária. Porém, essa discórdia ou guerra do filósofo gera a ordem e harmonia. Assim, a relação dos opostos é interdependente, ou seja, mesmo sendo fruto de uma tensão, um não vive sem o outro. É caracterizado que, no âmbito metafísico, pela passagem do ser ao não-ser, é legítima a possibilidade do vir-a-ser, resultado da definição de devir.

Mesmo definido como guerra devido à tensão existente, é notória a harmonia entre os elementos, revelando a paz e a ordem. Dessa forma, o equilíbrio e o movimento são fundamentados, pois, “o fluxo contínuo dos opostos que se sucedem e coexistem no mundo é a realidade. A estabilidade é ilusão; a instabilidade, o movimento, a multiplicidade em mudança é o real” (CHAUÍ, 1994, p. 68). Portanto, a conciliação entre os contrastes, manifesta em um estado de tensão, conduz a uma harmonia, conforme o fragmento oito. “Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia” (HERÁCLITO, 1998, p.36).

Essa harmonia só pode ser compreendida neste contexto de guerra quando se percebe a docilidade da tensão. Faz verdadeiro, pelo seu fragmento cento e onze que diz, “A doença torna a saúde agradável; o mal, o bem; a fome, a saciedade; a fadiga, o repouso” (HERÁCLITO, 1998, p.42). Assim sendo, é valiosa e

compreensível a ideia harmônica desses contrários, que se equivalem e coincidem. “O caminho para baixo e o caminho para cima é um e o mesmo” (HERÁCLITO, 1998, p. 40). Esta poderia ser a afirmação mais inovadora e conflituosa de Heráclito: “o um é múltiplo e o múltiplo é um”, pois,

[...] se o acaso é necessidade, a beleza é feiura, a discórdia é concórdia, o quente é úmido, o dia carrega dentro de si a noite, e a noite traz dentro de si o dia, é porque as coisas aparentemente independentes umas das outras e em conflitos umas com as outras, são uma só e mesma coisa. A unidade se esconde sob os contrários em luta e essa unidade é multiplicidade (CHAUÍ, 1994, p. 68).

A partir da adversidade com a ontologia de Parmênides, filósofo do unívoco e identidade do ser, Heráclito define o fogo como *arché* de seu pensamento, chamado também de *logos*. O fogo é permanentemente movimento, expressando características de mudanças contínuas, contraste e harmonia. É movido pela morte do combustível, que passa pela contínua mudança de combustível para cinza, fumaça e vapores. Nada mais pertinente do que o fogo para justificar a origem de todas as coisas e, nesse contexto, o movimento de tudo. No fragmento noventa, ele fundamenta dizendo que, “O fogo se transforma em todas as coisas e todas as coisas se transformam em fogo, assim como se trocam as mercadorias por ouro e o ouro por mercadorias” (HERÁCLITO, 1998, p. 41).

Por fim, a noção de conhecimento excede a ideia empírica, ressaltando o ocultismo da natureza. O *lógos* heraclítico possibilita essa compreensão, pois o conhecimento é visto também como um movimento da alma que se vale dos sentidos para significar as coisas que são.

Diante do apresentado, é legítima a percepção de contradição que se coloca entre a filosofia de Heráclito, valorizando o movimento e a harmonia dos contrários, e o pensamento de Parmênides, com a defesa do ser que é, e que não é possível conceber a mobilidade. Sendo assim, na busca por uma resolução dessa aporia entre os filósofos pré-socráticos, Aristóteles trabalha com conceitos essenciais, como ato e Potência; teoria das quatro causas; substância e acidente; propiciando uma reflexão de superação dessa diferença conceitual de um mesmo elemento, o princípio.

4 ARISTÓTELES E A METAFÍSICA DO SER

Aristóteles, filósofo antigo, nasceu em 384 a.C. na cidade de Estagira, fronteira com a Macedônia. Filho de Nicômaco, que era médico do rei da Macedônia, Aristóteles provavelmente participou da vida da corte de sua época, morando com a família na sede do reinado. Foi certamente esse contexto familiar que lhe permitiu o contato com o conhecimento. Posteriormente, a mudança para Atenas e o contato com outros pensadores na academia platônica foram decisivos para o desenvolvimento de suas teorias.

Nessa perspectiva, desenvolveu arrazoados que influenciaram fortemente teorias de seu tempo. Neste artigo, ressaltar-se-á a metafísica, a princípio chamada por ele, como filosofia primeira. Essa ciência estuda o ser enquanto ser, investigando tópicos essenciais como aquilo que faz um ser ser necessariamente o que ele é e como ele é; aquilo que faz um ser existir como algo determinado, entre outras questões. A solução da aporia entre as concepções do ser, inclusive a proposta por Platão, com a criação do outro mundo, o mundo das Ideias, para explicar a mobilidade do ser, torna-se, assim, uma das principais contribuições aristotélicas para a filosofia.

Isso posto, faz-se mister analisar os pontos fundamentais de seus estudos metafísicos. São eles: conceito de ato e potência; teoria das quatro causas; substância e acidente. Pontos estes que se apresentam como soluções ao impasse ontológico pré-socrático.

4.1 ATO E POTÊNCIA

A começar já nos pré-socráticos, os filósofos propunham um questionamento fundamental e ontológico sobre as mudanças relacionadas ao ser. Concluíram que havia uma única coisa que permanecia, a qual posteriormente o estagirita denominou como substância. Este conceito, para Aristóteles, assume o sentido das coisas que não são predicadas de um substrato, porém o tudo mais pode ser predicado delas, ou seja, “substância é o que é imanente às coisas que não se predicam de um substrato e que é causa de seu ser” (REALE, 2002, p. 215).

Parmênides, como visto anteriormente, é o filósofo da impossibilidade da mudança, pois se houvesse alteração, seria afirmar a proveniência do ser pelo não-

ser, contrariando o princípio de identidade. Heráclito, em oposição, defende a necessidade do não-ser para que o ser realmente seja. Com o conceito de devir, reconhece a validade das transformações do ser em seus opostos, deixando de ser o que era para assumir o que virá a ser.

Aristóteles contempla tanto Parmênides quanto Heráclito, ao explicitar os conceitos de ato e potência e a distinção entre eles. Assim, parte do pressuposto de que o ser é o que existe e, para compreender as mudanças percebidas pelos sentidos, é necessário assumir o conceito de potência relacionado à matéria, pois,

[...] a matéria é “potência”, isto é, “potencialidade”, no sentido de que é capacidade de assumir ou receber a forma: o bronze é potência da estátua porque é capacidade efetiva de receber e assumir a forma de estátua; a madeira é potência dos vários objetos que se podem fazer com a madeira porque é capacidade concreta de assumir as formas desses vários objetos (REALE; ANTISERI, 1990, p.185).

Portanto, potência significa esse “princípio do movimento ou da mudança existente em alguma coisa distinta da coisa mudada, ou nela enquanto outra. Por exemplo, a arte da construção é uma potência que está ausente na coisa construída” (ARISTÓTELES, 2012, p. 149), possibilitando suas capacidades de adquirirem formas. Como no caso da estátua, que não existe ainda, mas que na mente do escultor ela é real potencialmente. Acontece, por conseguinte, a passagem de potência para o ato, pois sua matéria identificou-se com a potência, já que é possível receber formas distintas.

Segundo Aristóteles, a forma é imutável, já que o princípio da mudança está na matéria. “Um ser não muda propriamente de forma, mas passa de uma forma para a outra ou desenvolve a forma que possui. Assim a substância enquanto matéria é responsável pela mudança” (CHAUÍ, 1994, p. 283).

Diante da imutabilidade da forma, é legítimo concluir a sua relação com o ato, ou o vir-a-ser. O ato é o efeito do movimento dos objetos que tendem sempre à causa final de cada coisa. Há uma busca constante pela perfeição, a forma pura. Todo ser almeja alcançar esta forma para não mais mudar. Para a alcançar, todo ser passa pelo processo de potência-ato, necessário para se atingir esse grau de perfeição. A potência sendo a possibilidade de vir-a-ser do ser e o ato sendo a realização dessa possibilidade, logo, passar de potência a ato seria o caminho da perfeição.

O ato, por isso, é superior à potência, pois,

[...] o atual provém sempre do potencial, e o potencial é sempre levado ao ato por algo que já está em ato. Por isso o que é atual é sempre temporariamente primeiro que o potencial. O que é eterno é primeiro, afirma Aristóteles, desde o ponto de vista da substância, daquilo que é perecível. O que é eterno é atual no mais elevado sentido (ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p. 68).

Portanto, Aristóteles decifra essa aporia, assumindo a condição de mobilidade do ser pela sua concepção material, afirmando, ao mesmo tempo, uma imutabilidade daquilo que chamou de forma. Logo esse movimento ato-potência explicaria, definitivamente, a possibilidade da unidade parmenidiana e das mudanças sensíveis de Heráclito. Afinal, há um princípio imutável que se vislumbra em um contexto de mudança.

4.2 TEORIA DAS QUATRO CAUSAS

Uma outra concepção metafísica e que, possivelmente, tranquilizaria a tensão que se propõe resolver nesse trabalho – a questão do ser em Parmênides e Heráclito – é a teoria das quatro causas. Como já fora mencionado, Aristóteles apresenta a metafísica como busca das causas primeiras de cada coisa. Ele associou o estudo do ser como o estudo dessas causas, enumeradas em quatro. Essas representam, absolutamente, o que pode ser conhecido de um objeto, procedendo a sua existência real.

A substância ou essência de uma coisa, denominada de forma, constitui a primeira causa aristotélica. Esta corresponde à forma potencial ou real que um objeto possui; afinal, pelo princípio da imutabilidade formal estas são as mesmas. Tanto em ato, quanto em potência.

A matéria ou o sujeito corresponde a sua segunda causa, a causa material. Matéria é aquilo com que alguma coisa é ou está feita. Funciona como substrato, pois é a constituição do ser. Eliminá-la é eliminar, também, os sentidos do objeto, ou seja, sua capacidade sensível indeterminada está a matéria, até que esta alcance uma forma determinada.

Essas duas primeiras causas constituem o princípio interno do ser, porém não são suficientes para explicar o movimento das coisas. Elas participam do princípio

inerente do ser, sendo inteiramente dependentes para a construção do mesmo. A perda da matéria ou da forma de um determinado ser resulta em sua desintegração. Dessa forma, conclui-se que,

[...] a realidade corpórea é o resultado de dois princípios complementares, um indeterminado e comum a todos, que é a matéria, e outro, determinante, que é a forma, pois faz com que uma coisa seja o que é e diferente das demais (ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p. 71).

No entanto, são necessários mais dois princípios externos para que se possa justificar o movimento das coisas, a passagem de potência para o ato, ou seja, explicitar a capacidade da matéria para alcançar uma forma, de sair de sua indeterminação e adquirir uma forma determinada. Com efeito, é preciso uma força motora que favorecesse essa passagem da potência para o ato. Aristóteles chama isso de causa eficiente.

A causa eficiente equivalera, assim, à fonte de todo o movimento. Nada se transforma ou adquire forma determinada por si só. É necessário que uma força motriz realize essa possibilidade de movimento, mas para que essa causa aconteça, é necessário um fim, ou seja, uma finalidade. A isso Aristóteles denomina como causa final.

Essa última causa externa é “a causa que responde pela coisa ser tal como ela é, isto é, que diz qual a finalidade ou fim que faz a coisa existir e ser tal como ela é (causa final)” (CHAUÍ, 1994, p. 279). A causa final é, pois, o quarto princípio do ser. Tanto a causa eficiente, quanto a causa final compõem os princípios constitutivos externos do ser, responsáveis pelo movimento dos objetos. Assim vemos que,

[...] o exemplo que nos fará compreender o papel dessas quatro causas, ou princípios, é a estátua de Davi, esculpida por Michelangelo. A matéria é aquilo com que a estátua é feita, no caso, o mármore. A forma é aquilo que determina a estátua, isto é, que a torna um Davi e não um Moisés, uma Atenas ou um Zeus. A causa eficiente é aquilo que produziu, que fabricou, que fez a estátua, isto é, o escultor. A causa final é o fim proposto pelo escultor, fazer um Davi, não um Zeus (ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p. 72).

Dessa forma, percebe-se a dependência que se estabelece entre essas quatro causas, que embora sendo distintas, são inseparáveis e necessárias.

Contudo, é preciso distinguir claramente dois pontos na filosofia aristotélica, a saber, o sujeito e o princípio do ser. O primeiro referindo-se ao ser enquanto contingente e o segundo, aludindo à sua essência, ou seja, a sua imutabilidade. Assim, percebe-se a solução que Aristóteles oferece aos pensamentos dos dois grandes filósofos da *physis*, Parmênides e Heráclito. Diante dessa distinção, anexado às causas, é possível compreender a problemática do ser.

Partindo dessa divisão encontramos o ser constituído, exclusivamente, na forma, parte principal e imóvel de um objeto. Pois, como é de conhecimento, a matéria é mutável e indeterminada. Nesse caso, explica-se o que Heráclito chamaria de devir, ou mudanças reais e sensíveis do ser e o que Parmênides chamaria de princípio da não-contradição. O movimento heraclitiano é explicado pela busca de uma forma perfeita da matéria, pela causa eficiente, que cada ser realiza. E a unidade ontológica de Parmênides é vista na unidade da forma, pois esta não muda, é imutável, já que é princípio do ser.

4.3 SUBSTÂNCIA E ACIDENTE

Contudo, é preciso definir o ser, diante de todo esse caminho percorrido, para poder compreender suas qualidades categóricas e suas mudanças. A começar, o ser se difere de acidente. Para Parmênides o ser é unívoco, já Heráclito considera a possibilidade do vir-a-ser. Contudo, Aristóteles supera totalmente essa ontologia, afirmando os múltiplos significados do ser na realidade sensível. A isso chamamos de acidentes, predicados do ser.

Dessa forma, Aristóteles define acidente como

aquilo que se vincula a alguma coisa e pode ser verdadeiramente afirmado, mas isto nem necessária nem usualmente, como, por exemplo, quando estivesse alguém cavando um buraco para uma planta, encontrasse um tesouro. A descoberta do tesouro seria um acidente para aquele que estivesse cavando o buraco, visto que uma coisa não é uma consequência ou sequência necessária da outra e, tampouco, não se costuma encontrar um tesouro enquanto se planta (ARISTÓTELES, 2012, 167).

Por conseguinte, acidente é tudo aquilo que caracteriza ou atribui ao ser um significado. Aristóteles define categorias como atribuições para afirmarem o sujeito

do ser, que pode ser dito de vários modos. Eles revelam o que uma coisa é ou age, ou seja, predicam o ser.

Verifica-se, então, que o ser verdadeiro se encontra na substância, ou seja, aquilo “que não são predicadas de um sujeito, é a causa de seu ser, como, por exemplo, no animal a alma é a causa de seu ser” (ARISTÓTELES, 2012, p. 144). Logo, toda substância é indivisível. Assim, o ser é uma unidade. As categorias são gêneros supremos do ser que possibilitam compreender a dinâmica de suas predicções. São elas: substância, quantidade, qualidade, lugar, tempo, relação, ação, paixão, situação, posse.

Por fim, o desfecho deste trabalho, a hipótese inicial se verifica, qual seja, a eliminação da tensão ontológica entre Parmênides e Heráclito a partir dos ideais aristotélicos, que, pelo âmbito metafísico, deliberaram esse impasse histórico. Portanto, com essa ciência universal, diversas questões alcançaram sentidos reais, assumindo suas condições, tanto na multiplicidade, quanto na unicidade. Uma vez que, essencialmente, o ser é o que é, porém, capaz de adquirir diversas formas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a problemática do ser nos dois filósofos pré-socráticos, Parmênides e Heráclito, percebe-se que há, ali, um impasse. Este é resolvido por Aristóteles ao propor os conceitos de substância e acidente que tratam ontologicamente as mudanças sensíveis das coisas, como também a existência de um princípio imóvel e permanente, capaz de caracterizar o ser como princípio, a forma ou substância do objeto.

Com o movimento contínuo das coisas, passagem da potência ao ato, ou seja, da capacidade de essas adquirirem formas, Aristóteles reconhece as possibilidades heraclitianas do vir-a-ser, no qual é necessário deixar de ser o que é, para alcançar, ou vir-a-ser aquilo que será. Com efeito, participa também da ideia de unidade, como Parmênides, quando formula a concepção de forma imóvel, como princípio do sujeito.

Portanto essa problemática alcança um novo destino, não mais conflituoso, pois com os três pontos fundamentais de sua teoria, o estagirita contempla tanto a concepção parmenidiana, quanto a heraclitiana, apresentando uma ideia conciliada

para essas duas teorias pré-socráticas, amebas com um único objetivo, pensar conceitualmente o ser enquanto princípio.

ARISTOTLE'S SOLUTION TO PARMENIDES AND HERACLITUS'S APORIA OF BEING

ABSTRACT

This article deals with the Aristotelian presence in the antithesis between Parmenides and Heraclitus. The search for the principle is what basically characterizes the ancient philosophy, excellence in pre-Socratic. In the metaphysical framework being is seeing as main reference of the principle, assuming different denotations according to the history. Parmenides, with his ontology, presents an absolute principle, immovable and eternal. In the other hand, Parmenides' being never differs from this concept, after all any difference would hurt what he will call non-contradiction principle. Heraclitus, in his turn, by contrast, presents coming-to-be possibility, or becoming, featuring all the changes occurring in the middle and in being itself. Thus, emphasizes the tension between mobility and things unity, calling it a harmony of opposites. Finally, Aristotle, with his metaphysical perspective, solves this historic impasse through concepts and ideas such as four cause's theory: act, potency, substance and accident, in which he organizes and presents a new idea of principle.

Key-words: Principle. Ontology. Cause. Being. Possibility

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2.ed. São Paulo: Edipro, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEVIR. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 250.

ELEATISMO. In: _____. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 291.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: BORNHEIM, Gerd A. **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1998. p. 36-46.

MARITAIN, Jacques. **Elementos de filosofia 1**: introdução geral à filosofia. 13. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1981.

MOLINARO, Aniceto. **Metafísica**: curso sistemático. São Paulo: Paulus, 2002.

PARMÊNIDES. Fragmentos. In: BORNHEIM, Gerd A. **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1998. p. 54-59.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: antiguidade e idade média. São Paulo: Paulus, 1990.

ROSSET, Luciano; FRANGIOTTI, Roque. **Metafísica antiga e medieval**. São Paulo: Paulus, 2012.